



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revista fsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 6, art. 15, p. 279-294, jun. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.6.15>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Elementos para Compreensão da Socialização na Religião Afrobrasileira na Contemporaneidade

Elements for Understanding Socialization in Afrobrasilian Religion in Contemporaneity

José Bispo Miranda

Doutorado em Ciências Sociais Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Professor associado II da Universidade Estadual do Piauí

E-mail: nupecso.uespi@gmail.com

Endereço: José Bispo Miranda

Universidade Estadual do Piauí Rua João Cabral, 2231 -
Bairro: Pirajá - CEP: 64002-150 Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

Artigo recebido em 08/03/2020. Última versão recebida
em 25/03/2020. Aprovado em 26/03/2020.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação
cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O artigo traz os elementos básicos para a compreensão do processo de construção dos valores religiosos dos infanto-juvenis no candomblé, no contexto de uma sociedade racista, capitalista e hipermoderna, e a análise dos mecanismos de atuação do *habitus para*, dessa forma, desvelar o processo de socialização das crianças e adolescentes na sociedade contemporânea, na qual as crianças e adolescentes estão, por um lado vulneráveis na sociedade racista (a escola, a televisão, as redes sociais na *web*), e, por outro lado, podem conseguir apoio diante das instâncias socializadoras – a família e a comunidade. No percurso dessa investigação, procurou-se entender como a hipermodernidade traz novos elementos para a compreensão da socialização: a diversidade religiosa, a secularização, a desconstrução dos modelos políticos e sociais, a pluralidade de preferências sexuais, as redes sociais, dentre outros. Para tanto, pesquisou-se as teorias sociais para o estudo do candomblé, especialmente a socialização das crianças e adolescente. Nesta investigação, percorreu-se, através da leitura bibliográfica, a trajetória de socialização desses sujeitos nas comunidades em que são condicionadas por valores, princípios e ações vinculadas aos padrões da religião afro-brasileira, o candomblé. Portanto, os elementos para a compreensão do processo de socialização das crianças e adolescentes no candomblé indicam a relativização com os diversos contextos religiosos, culturais e políticos, tornando os infanto-juvenis candomblecistas mais tolerantes com o mundo no seu entorno.

Palavras-Chave: Praxeologia. Racismo. Candomblé. Socialização.

ABSTRACT

The article brings the basic elements for the understanding of the process of construction of the religious values of children and adolescents in candomblé in the context of a racist, capitalist and hypermodern society and, analysis of the mechanisms of action of habitus, and thus unveiling the process of socialization of children and adolescents in contemporary society, in which children and adolescents are, on the one hand, vulnerable in racist society (school, television, social networks on the web), on the other hand, can obtain support in the face of socializing instances, being these the family and the community. In the course of this investigation, we sought to understand how hypermodernity brings new elements to the understanding of socialization: religious diversity, secularization, the deconstruction of political and social models, the plurality of sexual preferences, social networks, among others. For this purpose, social theories for the study of candomblé were researched, especially the socialization of children and adolescents. In this investigation, through the bibliographic reading, the trajectory of socialization of these subjects in the communities in which they are conditioned by values, principles and actions linked to the standards of the afro-brazilian religion, candomblé, was followed. Therefore, the elements for understanding the socialization process of children and adolescents in candomblé indicate relativization with the different religious, cultural and political contexts, making candomblecist children and adolescents more tolerant of the world around them.

Keywords: Praxeology. Racism. Candomblé. Socialization.

1 INTRODUÇÃO

No início da elaboração da pesquisa que originou este artigo se imaginava o desafio que seria contatar os seus sujeitos, as crianças e os adolescentes no candomblé em Teresina (PI), por conta da dificuldade de se encontrar terreiros de candomblé nessa cidade, tendo em vista seu reduzido número (SILVA, 2013). Esta dificuldade imporia outra: como estudar a socialização das crianças e dos adolescentes no candomblé, se não encontramos os terreiros¹ ou, quando encontramos, há poucas crianças e adolescentes? Os primeiros desafios se somaram a outros.

As instâncias responsáveis pela socialização das crianças e dos adolescentes se multiplicam e da mesma forma as incertezas sobre a formação dos valores desses pequenos seres humanos. Todo ser humano é inicialmente um ser biológico e apresenta todas as características de qualquer outro animal, contudo, o processo de socialização faz incorporar no corpo orgânico desses serzinhos, uma segunda energia que faz produzir ideias. Nesse sentido, o mundo simbólico e a linguagem significam o movimento do corpo e a linguagem, força significadora que designamos de cultura (LARAIA, 1992; BARBOSA, 1983).

A força do colonizador branco europeu de impondo o seu pensamento sobre os negros e negras, aos índios e índias brasileiros, como ressalta Moura (1988, p. 08) resultou em barreiras étnicas na trajetória desses sujeitos. As restrições múltiplas impostas às vidas de negros e de negras, índios e índias por essa sociedade produzem “[...] dificuldades em afirmar-se no seu cotidiano como sendo composta de cidadãos e não como é apresentada através de estereótipos: como segmentos atípicos, exóticos, filhos de uma raça inferior, atavicamente criminosos, preguiçosos, ociosos e trapaceiros.” A consequência disso é que a sociedade brasileira não produz um contexto favorável para o desenvolvimento de práticas culturais oriundas dos afro-brasileiros, especialmente as vinculadas às práticas religiosas. Diante disso, questiona-se: como ocorre o processo de socialização de crianças e adolescentes nas práticas religiosas afro-brasileiras, notadamente no candomblé?

¹A preocupação em saber sobre a existência de terreiros de candomblé em Teresina fez parte de nossas inquietações epistemológicas. Antonia Aguiar, numa reportagem afirma que o número de terreiros de umbanda e candomblé varia em torno de 200 (ver <https://180graus.com/geral/teresina-tem-200-terreiros-de-umbanda-e-candomblé-49799>, acesso em 08.07.2018). No levantamento feito pela Prefeitura Municipal de Teresina consta 480 terreiros (ver <http://www.oitomeia.com.br/noticias/cultura/2018/01/20/combate-o-preconceito-pai-de-santo-conta-como-e-a-vida-em-terreiro-em-teresina/>). Em seu trabalho de dissertação, Silva (2013) confirma o número de 210 templos de culto afro-brasileiros em Teresina. A autora diz que entre essas casas, as de candomblé são em número reduzido.

No percurso dessa investigação procurou-se entender como a hipermodernidade traz novos elementos para a compreensão da socialização: a diversidade religiosa, a secularização, a desconstrução dos modelos políticos e sociais, a pluralidade de preferências sexuais, as redes sociais, dentre outros.

Todos nós somos inseridos no mundo simbólico através da linguagem, sem esta não se consegue construir uma realidade e dela participar (DAMATTA, 1990). Através da linguagem somos socializados, de forma parcial, numa realidade multifacetada, a religiosa, a econômica, a política, a sexual, a de gênero e tantas outras dimensões que construímos enquanto seres culturais, ou seja, a socialização é estrutural (SETTON, 2011). Como pensar a realidade dos infante-juvenis no campo do candomblé?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A modernidade apresentou no início do século XX seu projeto de secularização, no qual está explícito a inversão proporcional: quanto mais moderna a sociedade, menos religiosa, mística e encantada será. Contudo, a sociedade hipermoderna apresenta-se cada vez mais espiritualizada e imbricada em teias religiosas que se transformam em condição vital para a vida em sociedade.

A investigação é referenciada nas bases teóricas em Bastide (1973), Berger e Berger (1985), Bourdieu (2008), Wacquant (1992), Setton (2011), Caputo (2012), Prandi (2011). As ideias da praxeologia elaboradas por Bourdieu e Wacquant trazem os princípios das contribuições dos agentes sociais na construção social da realidade, sendo esta sua própria trajetória. Ainda assim, veio à tona a realidade inexorável da capacidade simbólica em construir mundos de compreensão da nossa complexidade, na qual a teodiceia é uma delas (BERGER; LUCKMAN, 1985). As crianças não têm acesso imediato a essas ideias, mas o mundo dos adultos apresenta-as através dos vários modos de socialização e se tornam agentes transformadores ou reprodutores dessa realidade social.

Os diversos grupos sociais constroem estruturas para que seus membros ou futuros membros possam incorporar valores, a começar pela linguagem. Para Berger e Berger (1998), a linguagem é a primeira instituição a qual a criança tem contato e por ela são estruturados todos os elementos indispensáveis para transformar um ser predisposto a ser humano em humano. Esses mesmos autores, em outro texto com o título *Socialização: como ser um membro da sociedade*, analisam o processo pelo qual se passa desde o nascimento até a morte. Os mecanismos descritos apontam para o controle exercido pelo grupo social da criança e pela

sociedade. Contudo, as transformações sociais, culturais e tecnológicas têm modificado o contexto da socialização e disponibilizado outras instâncias e valores para competirem com os da comunidade na qual a criança nascera. É neste contexto que se torna complexo debater o processo de socialização de crianças e de adolescentes no candomblé, tendo em vista a especificidade do grupo e de seus valores.

Nesta investigação percorremos através da leitura bibliográfica a trajetória de socialização de crianças e de adolescentes de comunidades que são condicionadas por valores, princípios e ações vinculadas aos padrões da religião africana, o candomblé. Não focalizaremos uma instituição. Os sujeitos desta pesquisa serão as crianças e os adolescentes alcançados pela bibliografia documental acessível para análise. Nesta leitura a atenção estará voltada para a forma de inserção destes sujeitos na religião, seus rituais, conflitos com a sociedade laica, plural e líquida.

3 METODOLOGIA

O que é o candomblé? Segundo Prandi (2001), é uma religião afro-brasileira, de tradição iorubá, jeje-nagô, de culto aos orixás e divindades menores que dirigem a vida dos homens e das mulheres. Para Henrique Cunha Junior (*apud* ARAÚJO, 2017), as religiões da base africana como o candomblé têm a finalidade de preservar o equilíbrio da natureza.

O Candomblé é uma religião monoteísta, mas, devido aos cultos aos orixás e às divindades menores, no senso comum, pode passar como uma prática religiosa politeísta, descentrada nos orixás. Para Caputo (2012), o candomblé é uma cultura que foi construída pela tradição oral, pela narrativa das lendas (VERGER, 2009; BASTIDE, 1989), conseqüentemente, não possui nenhum documento escrito em seus primórdios, apesar de terem vários estudos em nosso país.

O candomblé é uma religião que afirma o mundo, reorganiza seus valores e reveste de estima muitas das coisas que outras religiões consideram más [...]. O iniciado não tem que internalizar valores diferentes daqueles do mundo em que vive. Ele aprende os ritos que tornam a vida neste mundo mais fácil e segura, plena de possibilidades, de bem-estar e prazer (PRANDI, 1997, s/p).

A escolha do Candomblé para investigação não é a toa. Além das diferenças com outras práticas religiosas de caráter cristão, sobressaem-se os valores que devem ser interiorizados pelos iniciados. Como descrito na citação acima, o que importa é o equilíbrio com a natureza e a conseqüente felicidade neste mundo. A família tem papel indispensável no acesso das crianças

e dos adolescentes às experiências religiosas, como diz Rabelo (2008, p. 178) ao afirmar a relação entre a socialização primária e a secundária, no caso específico da religião.

Pode haver uma forte concordância entre as duas socializações como nos casos em que conteúdos religiosos integram a educação das crianças e adolescentes na família, na qual as gerações mais velhas constituem agentes importantes na formação religiosa das gerações mais novas, em que o percurso de socialização na instituição religiosa mostra-se como um desdobramento gradativo da realidade apreendida na socialização primária, servindo-se de sensibilidades e disposições adquiridas nesse primeiro aprendizado e ampliando-as na direção da formação da identidade religiosa.

Para capturar esta realidade, são necessários estudos precusores, como foram destacados, e deve-se estar ancorado numa abordagem que permita observar os sujeitos a partir de sua relação subjetiva às suas relações estruturais. Neste sentido, a atitude do pesquisador é norteada pela abordagem praxeologia social que, segundo Wacquant (1992, p. 07):

[...] envolve conjuntamente uma abordagem estruturalista e outra construtivista. Num primeiro momento, ela separa as representações do senso comum de modo a construir as estruturas objetivas (espaço posições), a distribuição dos recursos socialmente eficientes que definem as pressões exteriores que têm peso nas interações e nas representações. Num segundo momento, esta praxeologia reintroduz a experiência imediata dos agentes de modo a explicitar as categorias de percepção e apreciação (disposições) que estruturam as suas ações a partir do interior e estruturam as representações (tomadas de decisões).

Esta forma de perceber/olhar/observar o cotidiano possibilita a visualização do campo e *habitus*. O primeiro traz a compreensão da sociedade geral e específica (de grupos sociais), a noção de concorrências entre os agentes e das pressões exteriores, ou seja, a estrutura; o segundo, o *habitus*, apreende os acontecimentos e valores no âmbito do indivíduo, da realidade (experiência) imediata.

A escolha de “micros sociedades” para o estudo tem sido parte da metodologia antropológica, como diz Eunice Durham (1986, p. 21):

Investigando esses ‘pedaços da sociedade’, as comunidades, como se fossem aldeias indígenas, era possível utilizar os métodos de observação participante, documentação censitária, histórias de vida, entrevistas dirigidas, etc., formulando um retrato multidimensional da vida social e integrando o estudo das manifestações culturais à análise de seu substrato social e econômico.

A metodologia da escolha da “pequena sociedade” não significa que ela tenha que ser empírica, mas que o alcance desejado desta pesquisa, apesar de utilizar a bibliografia que

descreve outras realidades e teorias, é a socialização de crianças e adolescentes no candomblé, recortada pelas análises de documentos de fontes secundárias. Por outro lado, a antropologia não significa empirismo e nem etnografia, como diz Lévi-Strauss, o particularismo por si só não explica os fatos sociais (LÉVI-STRAUSS, 1976).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A socialização é fenômeno observado nas sociedades humanas e a antropologia e seus antropólogos têm construído etnografias que desvelam esse aspecto do cotidiano. A socialização é constituída de rituais através dos quais a sociedade insere seus membros no mundo simbólico. Campbel (1990), antropólogo americano, em sua obra *O poder do Mito*, ao descrever a sociedade americana dos anos 60, afirma que ela estava perdendo a capacidade de socializar suas crianças e adolescentes, uma vez que os valores daquela sociedade não eram atrativos para aquela geração e, nesse caso, os rituais de socialização eram feitos por agências marginalizadas que produziam valores diferentes e em conflito com a ordem social vigente.

Seguindo o raciocínio de Geertz (1999), em sua obra *A interpretação das culturas*, pode-se afirmar que a cultura é esse imbricado de teias que envolve e produz o homem cultural. Cohn (2005, p. 19) diz que a cultura é aquilo que conforma. E o que os conforma é uma lógica particular, um sistema simbólico acionado pelos atores sociais a cada momento para dar sentido a suas experiências: “[...] é aquilo que faz com que as pessoas possam viver em sociedade compartilhando sentidos, porque eles são formados *a partir de um mesmo sistema simbólico*” (destaque nosso).

Zygmunt Bauman (2012, p. 22-23) afirma que a cultura em si é um agente da ordem e da desordem, sendo essa característica a garantia de sua perpetuação.

[...] a cultura como tende a ser vista agora, é tanto um agente da desordem quanto um instrumento da ordem; um fator tanto de envelhecimento e obsolescência quanto de atemporalidade. O trabalho da cultura não consiste tanto em sua autopetuação quanto em garantir as condições para futuras experimentações e mudanças.

A noção de cultura não é tomada aqui com a perspectiva de padronização e de endurecimento do real. A partir disso, a visão adotada aqui não toma as crianças e os adolescentes como um ser passivo diante dos adultos e de seu processo de socialização, ao contrário, observa-se, como diz Cohn (p. 20): “[...] agora eles o são no sentido de atuar na sociedade recriando-a a todo o momento. São atores não por serem intérpretes de um papel que não criaram, mas por criarem seus papéis enquanto vivem na sociedade”.

A antropologia desvelou que o processo de socialização não é apenas a inculcação de padrões únicos, mas aponta para a capacidade da “peneira” com furos pequenos de filtrar, peneirar valores plurais para a consciência das crianças e dos adolescentes. Neste sentido, destaca-se as teorias da socialização, a construtivista e a reprodução interpretativa. Na primeira, as crianças e os adolescentes que se apropriam da sociedade e fazendo sua própria interpretação do mundo; na segunda, “[...] as crianças e os adolescentes negociam, compartilham e criam a cultura com adultos e entre si [...]” (CORSARO, 2011, P.31).

O foco deste estudo é a socialização das crianças e dos adolescentes praticantes do candomblé, tendo em vista a incorporação de valores heterogêneos numa sociedade pluralista e hipermoderna. A hipótese é a seguinte: as crianças e os adolescentes socializados no candomblé incorporam valores e padrões religiosos e sociais plurais constituindo um *habitus* que negocia sua relação diante de uma sociedade pluralista, hipermoderna e laica, tendo em vista a fragilidade da noção do absoluto e, por sua vez, o fortalecimento da atitude de relativizar.

Para Stela Guedes Caputo, a interiorização de valores pode ser observada já no processo de iniciação no candomblé:

Para ser iniciado no Ilé Omo Oya Leji, o tempo de recolhimento no Hunko é o mesmo para adultos, crianças e adolescentes. Ao todo são 17 dias de reclusão total que começam a ser contados no momento da entrada até do dia da festa da saída [...] é nesse recolhimento que ocorrem as bases dos ensinamentos do candomblé, e onde a pessoa se inicia também será observada e orientada a fim de aprender a controlar as manifestações de seu santo. (CAPUTO, 2012, p. 76)

Ao entrar em contato com esses sentidos apreendidos através da cultura, o indivíduo não só os aprende e com eles se identifica como também é modelado por eles. Ao ser iniciado no Candomblé, tanto a criança como o adulto passam a dar sentido aos elementos que constitui a sua prática religiosa. O terreiro passa a ser um lugar sagrado de culto aos orixás e, em especial, ao seu orixá, pois é ele que coordena a sua vivência. Os sentidos e significados são repassados, nesse caso específico, pela mãe ou pai de santo que coordena a iniciação do novo fiel.

Na socialização como um processo de interiorização e exteriorização de valores, parte desses valores é oriunda da realidade objetiva, que designamos como estrutura, e outra parte é constituída por ideias subjetivas. Essas são sintetizadas no processo mental do agente, que chamamos de *habitus*. Esse processo não ocorre deslocado de seu contexto social, como diz Bourdieu (2008, p. 97):

[...] convém retornar ao princípio unificador e gerador das práticas, ou seja, ao *habitus* de classe, como forma incorporada da condição de classe e dos condicionamentos em que ela impõe; portanto, construir a *classe objetiva*, como conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, impondo condicionamento homogêneos e produzindo sistemas de disposições homogêneas, próprias a engendrar práticas semelhantes, além de possuírem um conjunto de propriedades comuns, propriedades *objetivadas*, às vezes, garantidas juridicamente – por exemplo, a posse de bens ou poderes – ou *incorporadas*, tais como os *habitus* de classe – e, em particular, os sistemas de esquemas classificatórios. (destaques do autor).

As crianças e os adolescentes estão cercados por linguagens, valores e princípios, em um primeiro instante de experiência com a família, em seguida, com sua comunidade, com a escola, com as redes sociais e intercâmbios casuais que podem fixar sentido. Nesse contexto, a homogeneidade reivindicada pela experiência comunitária perde força na medida em que a noção de compartilhamento dos agentes é ampliada para sua comunidade de intercâmbio, até mesmo com as redes sociais.

O sistema de disposições tem a tendência conservadora, devido ao seu filtro na experiência. Contudo, o cotidiano coloca os agentes numa realidade plural, então, os valores divergentes incorporados ficam numa espécie de recalque, mas, dependendo da situação vivida, eles vêm à tona e provocam transformação na realidade social. Logo, a socialização é a produção de um referente precário utilizado para elaboração das práticas básicas de sobrevivência, podendo essas serem ampliadas em decorrência da complexidade da vida que se apresenta (MIRANDA, 2018).

Essas propriedades objetivadas e incorporadas constituem o sistema de disposições, mas são fortalecidas pela dupla lógica do envelhecimento e da inovação, ou seja, as disposições sociais interiorizadas na socialização primária são a base de negociação com a realidade complexa e, apesar de tender para sua reprodução, não se pode negar o impulso intrínseco de alterar o padrão vigente (BAUMAN, 2012).

No cenário hipermoderno, aqui entendido como sendo o contexto social caracterizado pelo *software* no qual as relações sociais são fluídas, desengajadas, sem compromisso, as instituições sociais disputam entre si os agentes a partir da afetação desses agentes. No plano político, as fragilidades das narrativas de um projeto político social, de uma visão de mundo, tornam a construção de alternativas que podem mobilizar subjetividades, vontades e identidades mais difíceis.

Para Setton (2002, p. 61), o conceito de *habitus* possibilita tratar das novas configurações existentes na contemporaneidade, uma vez que relaciona os condicionamentos externos (estruturais) e os condicionamento subjetivos, mantendo as especificidades, a depender do contexto das duas instâncias.

Habitus não é destino. *Habitus* é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Embora controversa, creio que a teoria do *habitus* me habilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo.

No início da década de 70, no Brasil, os intelectuais, especialmente os da educação ao recepcionarem o livro **A reprodução**, fizeram o enquadramento das ideias de Bourdieu como reprodutivistas, que não possibilitava a alternativa da ação transformadora (CATANI; CATANI; PEREIRA, 2001). A compreensão da categoria de *habitus* era limitada a reproduzir os condicionamentos tradicionais adequados à ordem social. Além disso, a abordagem praxeológica representava um lugar diferente do pensamento marxista. O fato é que as novas categorias, a de *habitus* e a de campo trouxeram elementos de imprevisibilidade, de não determinação, apesar de reconhecerem a força dos condicionamentos estruturais.

O conceito de *habitus* se apresenta habilitado para pensar a constituição identitária na hipermodernidade por relacionar coisas interiorizadas e ser condicionado pelas coisas exteriorizadas, por se enquadrar numa perspectiva de condicionamento móvel, flexível, volátil e tender a depender do contexto para a transformação social.

Pensar dessa forma as comunidades do candomblé, é pensar as inúmeras questões e particularidades que envolvem tal prática religiosa e os seus múltiplos processos identitários, desde a diáspora africana até os dias atuais, quando negras e negros e, de um modo geral, todas aquelas pessoas que praticam candomblé sofrem preconceito e discriminação e, muitas vezes, são excluídas da própria sociedade. Pensar o candomblé no Brasil é pensar a população negra, escravizada, marginalizada, discriminada e o preconceito, mas é também pensar as construções e reestruturações pelas quais tal prática religiosa pode passar, para se afirmar enquanto religião e enquanto parte da cultura brasileira.

Apesar de existirem as transformações socioculturais no candomblé, persiste o preconceito contra as práticas culturais afro-brasileiras, especialmente aos seus ritos de crença. Neste caso, como imaginar crianças e adolescentes no processo de socialização no candomblé no contexto de uma sociedade hipermoderna e branca?

Com o deslocamento do tempo e do espaço, as conexões que penetram a atividade social encontram outros contextos de presença, ou seja, formulam novas configurações e, portanto, novos sujeitos. E essa é uma marca do período chamado de contemporaneidade, que tem como elemento central a cultura na constituição da subjetividade e identidade do sujeito, como indivíduo e como ator social (SETTON, 2005).

O desafio é pensar os processos socializadores num universo cultural plural e diversificado. Compreender a socialização a partir de uma nova ordem sociocultural que formula nos sujeitos uma multiplicidade de elementos que se tornaram, por meio das percepções subjetivas, uma realidade objetivada, por mais dinâmica que ela seja. É essa multiplicidade de elementos que promove um processo mais intenso de experiências e de referências identitárias.

Pensar a socialização no candomblé enquanto um processo de formação identitária é pensá-la enquanto pedagogia, na qual são incorporados valores, rituais e crenças de um povo, por meio de uma aprendizagem pela oralidade e experiência.

Podemos afirmar que o terreiro é por excelência o espaço da pedagogização do Candomblé, onde se aprende a viver segundo as práticas da comunidade religiosa, conhecendo seus preceitos, tecendo e aprofundando os vínculos com a família-de-santo. Essa pedagogização está profundamente ligada aos rituais de iniciação, e também à questão da senioridade, ainda que eu esteja me referindo aqui a um universo em transformação. (OLIVEIRA, 2014, p. 4)

O trabalho é feito em torno do universo social da criança, no qual os estudos que envolvem crianças têm ganhado cada vez mais espaço na discussão antropológica, da mesma forma também que se tem voltado a atenção para o debate em torno dos processos de aprendizagem.

O terreiro é um espaço de aprendizagem para todos do Candomblé, especialmente para crianças e adolescentes, como bem relata Oliveira e Almirante (2017) e Oliveira (2014, p. 6)

[...]pode-se perceber que o processo de pedagogização da criança no Candomblé começa desde cedo, quando os deuses definem que determinada criança será ogã, o que implica na construção de uma outra relação com o próprio corpo, dado a impossibilidade de entrar no transe característico do Candomblé, vivenciado pelos girantes. No espaço do terreiro se aprende o que é ser um ogã, por meio da observação, e da experiência corporal, o que vivenciado no seio de sua família-de-santo, que constituem tradicionalmente a unidade social da cultura de um terreiro, cujas relações podem se sobrepor, ou não, aos laços sanguíneos. As crianças circulam livremente pelo terreiro enquanto as atividades rituais ainda não se iniciaram, e o que parece não ter muita relevância para os adultos, em verdade, do meu ponto de vista, é fundamental para a construção da pessoa, e para a aprendizagem das crianças, que no ato de circular pelo terreiro experimentam a multiplicidade simbólica existente naquele espaço.

O contato constante da criança e do adolescente com os outros adeptos e a sua livre circulação no terreiro fazem com que o corpo desses infanto-juvenis encontre um lugar para o seu corpo nos vários movimentos e funções no Candomblé. E essa é uma adaptação que se prolonga por uma vida. Como diz Caputo (2012, p. 66):

Ao ser iniciado no Candomblé, o indivíduo inicia uma nova vida que será inteiramente dedicada ao Orixá, dessa forma um novo processo de institucionalização é imposto ao

indivíduo. Pois o mesmo terá que construir uma nova realidade, tudo em sua vida irá mudar. Sua nova vida passa a ser regida pelo Orixá, que definirá todas as suas regras e condutas.

A relação com o corpo passa a ser definida com seu orixá, nesse caso, o leque de obrigações passa a ordenar a comida, o vestir, os cuidados com o corpo. Com isso, o sujeito deve se permitir deixar para trás toda a vida que tinha e começar uma nova vida no santo, pois o seu corpo passou a ser morada de seu Orixá.

Um jovem relata para Caputo (2012, p. 80) que teve sua iniciação logo na infância e mostra como a realidade objetivada em sua vida dentro dos terreiros pode representar um equilíbrio neste mundo: “Eu me sinto bem aqui nessa vida de comunidade. Me dou bem com todo mundo, todo mundo gosta de mim. Aprendemos que nossa cabeça é a morada do Orixá e não devemos fazer nada que faça mal a nossa cabeça ou ao nosso corpo. ”

A iniciação e a vida dedicada ao Orixá lhe impulsionam um conjunto ordenado de ações, ou seja, uma conduta institucional que é dotada de regras de ação. Tal conduta é fruto do processo socializador que tal criança passou e continua a passar mesmo na vida adulta, pois os processos de socialização não se encerram na infância, eles continuam durante toda a existência humana. Vale ressaltar dessa forma que esse processo de institucionalização que ocorre dentro da socialização não ocorre somente no seio religioso, ele está presente em todas as instituições.

As experiências dos candomblecistas são construídas no enfrentamento do preconceito e da discriminação. Nesse sentido, Caputo (2012, p. 201) pode nos dar uns cenários bastante claros de como os valores estruturais entram em conflito com as biografias individuais. E nesse caso esse conflito é permeado de outros elementos que são: a intolerância e o preconceito.

Jailson dos Santos aos 12 anos dizia: "sou Amúsián, mas na escola eu não digo que sou." Oito anos depois, ao entrevistar novamente Jailson, ele me diz que nunca se sentiu discriminado na escola, " a não ser aquele preconceito normal". Como assim preconceito normal? Pergunto. " De me chamarem de macumbeiro e de acharem que macumbeiro sempre está pronto pra fazer o mal para alguém" Para Jailson, "antigamente" o preconceito era maior. Pergunto como é que ele verifica isso e ele responde. " Não falo que sou de candomblé. Se ninguém souber, ninguém discrimina.

Pensar a socialização das crianças e dos adolescentes no candomblé num contexto de modernidade líquida é considerar a fragilidades das instâncias socializadoras, a pluralidade de alternativas que se apresentam aos infanto-juvenis, a perda da força coercitiva da comunidade, mesmo a religiosa, e compreender as inúmeras identificações que a pessoa pode carregar, mesmo que aparentemente contraditórias. Esse contexto pode resultar em experiências

religiosas efêmeras ou / e simultâneas, sem que percam a intensidade de serem vividas de forma verdadeira.

O relato de Jailson traz à tona o contexto da escola para uma criança e adolescente candomblecista. Além da disputa espontânea existente entre os adeptos das religiões de matrizes cristãs, especialmente entre católicos e evangélicos neopentecostais, as últimas experiências apontam a intolerância religiosa, quando os atores envolvidos são adeptos de religiões de matrizes africanas, tais como o candomblé.

Diante de uma realidade complexa, a qual a formação identitária está em movimento, o envolvimento dessas crianças na disputa de sua própria formação fortalece-os, uma vez que possibilita desde o início de sua socialização primária conflitos e opções complexas antecipadoras de uma realidade líquida. Ao mesmo tempo, a possibilidade de maior permanência, dentro da temporalidade, se apresenta devido ao contexto em que se deu a opção religiosa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não se esgotar o debate sobre os elementos básicos para a compreensão da socialização das crianças e adolescentes no candomblé, infere-se pelas leituras e pesquisas realizadas neste artigo que a criança socializada no candomblé incorpora valores e padrões religiosos e sociais plurais, constituindo um *habitus* que negocia sua relação diante de uma sociedade pluralista, hipermoderna e laica, tendo em vista a fragilidade da noção do absoluto e, por sua vez, o fortalecimento da atitude de relativizar.

É por meio dessa identificação com os outros significados que a criança começa a identificar-se a si mesma. A identidade formulada por esse processo torna-se subjetivamente coerente e plausível, contudo, essa identidade só pode ser subjetivamente apropriada com o mundo da qual ela faz parte. Assim, a identidade faz parte da realidade objetiva do mundo ao qual ela pertence.

Desse modo, conclui-se que as pessoas passam por um processo de afirmação da sua identidade enquanto sujeitos dotados de subjetividades, e não só pela afirmação de suas identidades, como também pela negação. Se as experiências adquiridas no processo de socialização tendem a ser anuladas pela esfera social e por seus preconceitos e intolerâncias, o indivíduo cria mecanismos para se posicionar socialmente. Um fato que merece destaque é que, mesmo a sociedade sendo diversa em suas construções religiosas, os espaços para as identidades de matrizes africanas ainda continuam sendo contestadas através da intolerância, do preconceito

e da discriminação, tendo consequências nas trajetórias sociais de crianças e jovens adeptos do Candomblé.

Por seu caráter dinâmico e até mesmo fluido, a contemporaneidade leva os indivíduos a articularem diferentes lógicas de ação; essa articulação é que constitui a subjetividade do ator e a sua reflexividade. E é nesse sentido que para entender a socialização na contemporaneidade se faz necessário compreender que as práticas individuais não estão mais totalmente regidas pelos espaços institucionais na medida em que os universos de referências sociais e identitários compartilhados se multiplicam e se diversificam.

Dessa forma, as práticas e experiências sociais na contemporaneidade têm como embasamento uma combinação de várias lógicas de ação que permeiam vários espaços informais e institucionais. A identidade social e individual não mais é uma correspondência direta entre o indivíduo e a sociedade e sim uma articulação do indivíduo com suas experiências. Ao entrar em contato com esses sentidos apreendidos através da cultura, o indivíduo não só aprende esses sentidos como também se identifica com eles e, assim, é por eles modelado.

É necessário compreender a socialização a partir de uma nova ordem sociocultural que formula nos sujeitos uma multiplicidade de elementos que se tornaram por meio das percepções subjetivas uma realidade objetivada, por mais dinâmica que ela seja. É essa multiplicidade de elementos que promove um processo mais intenso de experiências e de referências identitárias. Pensar a socialização no candomblé enquanto um processo de formação identitária é pensá-la enquanto pedagogia, na qual são incorporados valores, rituais e crenças de um povo, por meio de uma aprendizagem pela oralidade e pela experiência.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. **Candomblé: origem, significado e funcionamento.** Disponível em <http://www.afreaka.com.br/notas/candomble-origem-significado-e-funcionamento>. acesso em 19/04/2017

BARBOSA, I. M. **Socialização e relações raciais: um estudo de família negra em Campinas.** São Paulo, FFLCH/USP, 1983.

BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil.** 3ª ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BERGER, P. L; BERGER, B. Socialização: como ser membro de uma sociedade. Marialice Mencarini Forachi & José de Sousa Martins (Orgs). **Sociologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: LTC, 1998, p. 200-214.

BERGER, P. L; LUCKMAN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athenas, 1990.

CAPUTO, S. G. **Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com crianças e adolescentes de candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CAPUTO, S. G. Ogan, adósu òjè, egbonmi e ekedi – o candomblé também está na escola. Mas como? Vera Maria Candau & Antonio Flavio Moreira (Orgs). **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2008.

CATANI, A. M; CATANI, D. B; PEREIRA, G. R. M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro através de periódicos da área. **Revista Brasileira de Educação**, s.v. (17), 63-85. 2001.

DAMATTA, R. **Relativizando**. Introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

DAMATTA, R. Evans Pritchard e a religião. **Religião e Sociedade**. Petrópolis, RJ, Vozes, p. 30-36. 1986.

DURHAM, E. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. Ruth Cardoso (Org). **A aventura antropológica**. Teoria e Método. Rio de Janeiro: Paz e Terra, P. 17-34. 1986.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LARAIA, R. B. **Cultura**. Um conceito antropológico. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

MALINOWSKI, B. **Sexo e repressão na sociedade selvagem**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

OLIVEIRA, A. Corpo, Brincadeira e Aprendizagem entre Criança de Candomblé. **29º Reunião Brasileira de Antropologia**. Natal/ RN 2014.

OLIVEIRA, A; ALMIRANTE, K. A. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 3. p. 273-297, set.-dez. 2017.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2007.

PRANDI, R. **Herdeiras do Axé**. São Paulo, Hucitec, 1997.

PRANDI, R. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, out 2001.

RABELO, M. C. M. **Entre a casa e a roça**: Trajetórias de socialização no candomblé de habitantes de bairros populares de Salvador. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28(1): 176-205, 2008.

SETTON, M. G. J. Teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun/Jul/Ago 2002.

SETTON, M. G. J. As particularidades do processo de socialização contemporâneo. *Tempo Social*, **Revista de Sociologia da USP**, v. 17, n. 2. 2005.

SETTON, M. G. J. **Teorias da Socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade, Educação e pesquisa**, São Paulo, V. 37, n. 4, p. 711-724, dez/2011.

SILVA, V. G. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo, Ática, 1994.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

MIRANDA, J. B. Elementos para Compreensão da Socialização na Religião Afrobrasileira na Contemporaneidade. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 6, art. 15, p. 279-294, jun. 2020.

Contribuição dos Autores	J. B. Miranda
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X